De Barros, João

A aproximação
Luso-Brasileira e a Paz

Lisboa

1919

97-84152-26
MASTER NEGATIVE #

COLUMBIA UNIVERSITY LIBRARIES
PRESERVATION DIVISION

BIBLIOGRAPHIC MICROFORM TARGET

ORIGINAL MATERIAL AS FILMED - EXISTING BIBLIOGRAPHIC RECORD

OCLC: 37107207 Rec stat: n
Entered: 19970612 Replaced: 19970612 Used: 19970612
Type: a ELvl: K Srce: d Audn: Ctrl: Lang: por
BLvl: m Form: a Conf: 0 Biog: MRec: Ctry: po
Cont: GPub: Fict: 0 Indx: 0
Desc: a Ills: Fest: 0 DtSt: s Dates: 1919,
1 040 PR1 ▾c PR1
2 007 h ▾b d ▾d a ▾e f ▾f a--- ▾g b ▾h a ▾i c ▾j p
3 007 h ▾b d ▾d a ▾e f ▾f a--- ▾g b ▾h a ▾i a ▾j p
4 007 h ▾b d ▾d a ▾e f ▾f a--- ▾g b ▾h a ▾i b ▾j p
5 049 PR1A
6 100 1 De Barros, Jo~ao, ▾b 1881-1960.
7 245 10 A aproxima≡c~ao Luso-Brasileira e a Paz ▾h [microform] : ▾b confer^encia realizada no ateneu comercial do P^orto em 25 de mar≡co de 1919.
8 260 Lisboa : ▾b Livraria Aillaud e Bertrand, ▾c 1919.
9 300 34 p. ; ▾c 21 cm.

TECHNICAL MICROFORM DATA

FILM SIZE: 35mm REDUCTION RATIO: 11:1 IMAGE PLACEMENT: IA (IIA) IB IIB

DATE FILMED: 8/5/97 INITIALS: TLM

TRACKING # : 26379

FILMED BY PRESERVATION RESOURCES, BETHLEHEM, PA.

JOÃO DE BARROS

A Aproximação Luso-Brasileira e a Paz

CONFERÊNCIA REALIZADA NO ATENEU COMERCIAL DO PÔRTO EM 25 DE MARÇO DE 1919

LISBOA
LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75
1919

A APROXIMAÇÃO LUSO-BRASILEIRA E A PAZ

DO AUTOR:

POEMAS:

Algas—França Amado, Editor—Esgotado
O Pomar dos Sonhos—França Amado, Editor
Entre a Multidão—França Amado, Editor
Dentro da Vida—França Amado, Editor
Caminho do Amor—Tavares Cardoso, Editor—Esgotado
Terra florida—Lelo & Irmão, Editores
Anteu—França & Arménio, Editores—(2.ª edição, a sair)
Ansiedade—Aillaud, Alves & C.ª, Editores
Ode à Bélgica—Aillaud, Alves & C.ª, Editores
Vida Vitoriosa—Aillaud, Alves & C.ª, Editores—1919

PROSA:

A Escola e o Futuro—Lopes & C.ª, Editores
La Littérature Portugaise—Conferências realizadas na Universidade Nova de Bruxelas—Magalhães & Moniz, Editores
A Nacionalização do Ensino—Ferreira & Oliveira, Editores
A Energia Brasileira—Conferência—Lelo & Irmão, Editores
A República e a Escola—Aillaud, Alves & C.ª, Editores
A Educação Moral na Escola Primária—Aillaud, Alves & C.ª, Editores
Educação Republicana—Aillaud, Alves & C.ª, Editores
Caminho da Atlântida—Edição da «Atlântida».

PARA BREVE:

Sisifo, poema.

JOÃO DE BARROS

A Aproximação Luso-Brasileira e a Paz

CONFERÊNCIA REALIZADA NO ATENEU COMERCIAL DO PÔRTO EM 25 DE MARÇO DE 1919

LISBOA
LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75
1919

Tipografia Universal — Rua do Diário de Notícias, 78 — Lisboa

À DIRECÇÃO

DO

ATENEU COMERCIAL DO PÔRTO

A APROXIMAÇÃO LUSO-BRASILEIRA E A PAZ

Um velho preconceito, insistente como todos os preconceitos desagradáveis, inventa entre Portugal e Brasil divergências, antipatias e hostilidades que eu, em boa verdade, julgo não terem nunca existido. Para melhor o demonstrar, seja-me permitido começar esta palestra relembrando dois factos de carácter pessoal. E relembro-os, não por vaidade mesquinha, mas porque êles são altamente reveladores das simpatias brasileiras pelos homens e pelas cousas de Portugal.

Em 1908, estando eu em Paris, o meu querido e ilustre amigo Dr. Magalhães Lima preguntou-me se eu desejaria escrever para *La Revue* algumas páginas sôbre a literatura portuguesa contemporânea. A-pesar-de eu não ser crítico — nem pretender sê-lo — aceitei o encargo, pelo desejo de propagar e fazer irradiar um pouco o nome do meu país. Nesse tempo, Portugal era bem desconhecido no estrangeiro, mesmo em França... Houve um professor do liceu de Lakanal — entre tanta outra gente — que me preguntava, com tôda

a espécie de rodeios, para não me ofender — se a vida em Portugal era muito diferente da de Marrocos. Isto é textual... A nossa entrada na guerra modificou tudo, graças a Deus! Êste e outros casos, de igual aspecto e importância — como ainda o de eu ter ouvido, do Director Geral de Ensino Secundário palavras que claramente indicavam êles julgarem-nos fora de todo o movimento educativo moderno — levaram-me a alinhavar umas tantas linhas de prosa para *La Revue,* com o título «*A Mentalidade Portuguesa Contemporânea*». Páginas certamente incompletas, apressadas, talvez mesmo injustas — mas sinceras, e em que, modéstia à parte, a alma do meu país era louvada com o devido entusiasmo. Se me podiam envergonhar a mim, como crítico, não me envergonhavam como português. Tanto bastava para a minha consciência. E quando vi que em jornais da Itália, da Holanda, e da França — o artigo era transcrito e comentado, com palavras de admiração para a cultura intelectual portuguesa, dei-me por satisfeito. Em Portugal — não se deu por nada. Mas — não era preciso...

¿Qual não foi, porêm, o meu espanto quando, abrindo um dia a «*Gazeta de Noticias*», do Rio de Janeiro, nela encontro, sob o pseudónimo de *Joe,* uma referência ao meu artigo, e um protesto, contra o facto, na verdade singular, de ser preciso receber notícias literárias de Portugal por intermédio duma revista francesa! Em meia dúzia de linhas eloqùentes, *Joe,*

que é, em carne e ôsso, o nosso querido e quási português João do Rio, indignava-se contra essa situação e reclamava, mais uma vez, uma estreita união luso-brasileira. Existia, realmente, uma campanha — por êle e só por êle iniciada — a favor dessa idea. Em Portugal desconheciamo-la. Pude conhecê-la bem: — e, desde então, comecei a ser partidário dela, com paixão sectarista e ardente...

No ano seguinte, em 1909, um novo facto se dá que me aproxima do Brasil. Tinha ido a Bruxelas, realizar umas conferências na *Universidade Nova* e no *Cercle Polyglotte.* A última, no *Cercle Polyglotte,* revestiu uma certa solenidade. Foram convidados os ministros de Portugal e do Brasil, e seus secretários. De Portugal — não apareceu ninguêm, ainda que um dos secretários da legação se dissesse literato. Do Brasil apareceu — por se achar ausente o ministro — o encarregado de negócios, Dr. Veloso Rebelo, que me disse as palavras que eu desejaria ter ouvido da bôca dum representante oficial português. Palavras que foram de agradecimento pela propaganda que eu fazia da *lingua e da literatura portuguesa,* propaganda que tanto interessava ao Brasil e que lhe era tão útil...

*
* *

Estes dois factos — narrei-os logo de princípio, apenas por me parecerem de grande significação para

destruir um preconceito que tem sido prejudicialíssimo a um bom entendimento luso-brasileiro: — e é êle que o Brazil não ama, não amou nunca, não pode amar Portugal. E' claro que a seguir à independência do Brasil, uns pruridos ficaram de zanga entre os dois países — pruridos que o tempo fêz desaparecer, e de que há muitos anos nem existem vestígios nas classes cultas dos dois países. E' curioso mesmo notar que certos sentimentos d'animosidade são alimentados e mantidos, no Brasil, por certos portugueses da colónia: — é assim que eu, em 1912, quando da minha estada no Rio, encontrei, instalado na redacção dum grande jornal, um português exilado de Portugal há muitos anos, que recebia com desagrado todo o compatriota que aparecia no Brasil com desejos de trabalhar, de ganhar a vida ou, simplesmente, como eu, de visita. No entanto, escapei àquella fúria permanente, não sei ainda porquê. Mas sei que muitas das campanhas feitas por êsse jornal, contra portugueses — eram dirigidas, excitadas, aquecidas por êsse português sui-géneris.

Dos brasileiros para os portugueses — exceptuando certos mal-entendidos — o carinho é sempre máximo. Os casos sucedidos comigo assim o provam: — porque eu, se hoje tenho um nome obscuro e apagado, era nesse tempo completamente desconhecido. E o que viu em mim o *Joe* da «*Gazeta de Noticias*», o que viu em mim o Encarregado de Negocios do Brasil em Bruxelas — foi, não um Poeta modesto que ninguêm conhecia, mas um Português sincero dizendo bem da sua Pátria, que era também um pouco a Pátria dêsses dois brasileiros...

Ninguêm me desmentirá, de-certo... ¿Ninguêm duvida do que eu afirmo, não é verdade? E, no entanto, quando em 1912 eu voltei do Brasil, e falei na campanha de João do Rio pela aproximação entre os dois países, e aqui tentei continuá-la, e insisti, e teimei, — em artigos, em conferências e por fim na fundação da «*Atlântida*» — pela vitória da idea que me era querida, encontrei em redor do meu entusiasmo, nos chamados intelectuais, nos dirigentes, um scepticismo que gelava, um scepticismo que, mais tarde, vim encontrar quando se deu a nossa participação na guerra europeia. ¡Idea útil, esta de aproximação com o Brasil, gritavam alguns convictos! ¡País ridículo, o Brasil, respondiam! ¡País morto, Portugal, acrescentavam! E como é menos trabalhoso estar parado às esquinas, ou fazer *blague* sèdiça nos cafés, do que defender uma idea, e pela sua vitória lutar sem descanso — as *blagues* caíam sôbre os pobres ingénuos que defendiam o estreitamento das relações luso-brasileiras e que afirmavam êsse estreitamento, não só em nome das nossas simpatias espirituais, das nossas tradições, do nosso passado, mas também pela conveniência do nosso futuro. Dentro de 100 anos o Brasil — que já hoje tem, na América do Sul, a hegemonia da civiliza-

ção e da riqueza — dentro de 100 anos o Brasil será uma das nações dominantes do mundo, com o seu território inteiramente povoado, com a fôrça do seu sentimento nacional, com as suas esquadras, os seus exércitos (se ainda os houver...), com o seu comércio florescente dominando grande parte do novo e do velho continente. ¿Será então uma aliança para desprezar? Que me respondam os mais práticos homens de negócio e de política que possam encontrar-se em Portugal...

Vim há duas semanas de Paris — e pude verificar o extraordinário, o excepcional carinho que envolvia o nome do Brasil, que cercava a missão Brasileira à Conferência da Paz. Dizia-me um ilustre estadista português, a mim e a Paulo Barreto, — *«O Brasil é requestado por todos, como uma mulher bonita»*...

Eu direi — como uma linda noiva, porque todos sentem que há nêle as maiores possibilidades dum futuro grandioso, e duma vida de esplêndidas, de inimaginadas realizações...

¿Não o sentimos nós aqui, também?... A-pesar-do escepticismo de que há pouco falei — a verdade é que o sentimento do povo português, o sentimento de quem trabalha, de quem vive, de quem ama, foi sempre de ternura pelo Brasil, de simpatia forte, de indestrutível afecto. Bem o verificâmos sempre que um acontecimento importante — de contentamento ou de magoa — se dá nas terras de Santa Cruz. É um unísono pulsar de todos os corações, é um unânime levantamento de todos os espíritos. Assim foi com a proclamação da República Brasileira, por exemplo. Assim foi com a entrada do Brasil na guerra. Assim foi com a vinda de Olavo Bilac a Lisboa, em que as manifestações oficiais e populares, mas sobretudo estas últimas, atingiram um indescritível delírio. Assim é sempre com o aparecimento ou a a morte de alguma grande individualidade brasileira, como com todo e qualquer sucesso que interesse ao bem-estar, ao desenvolvimento, às aspirações do Brasil...

O instinto do povo português acompanha permanentemente a vida dalêm-mar — como o instinto do povo brasileiro acompanha sempre a vida de Portugal. Adivinham-se um ao outro, através do Oceano, e da distância, e da torva maldade das almas sem luz que teem procurado separá-los, e das complicações sem grandeza duma diplomacia sem espírito e sem previsão. Adivinham-se, e confraternizam, e enlaçam-se — para chorarem a mesma dor, para amarem a mesma ambição, para cantarem o mesmo cântico, e sonharem as mesmas epopeias...

¿O que falta, pois, para que a aproximação entre os dois países tome uma forma *legal, definitiva* e *definida,* expressando-se em tratados, em reciprocidade de relações entre governos, em permanente e efectivo contacto intelectual, artístico, e económico entre as duas nações?...

* * *

Pouco, talvez. E digo pouco — pensando, sobretudo, em que entre as duas Repúblicas fraternas não houve nunca, nem poderá haver, aquela tensão de relações que já existiu, por exemplo, entre a Inglaterra e os Estados-Unidos. Objectar-me hão, a êste proposito, que quando foi da proclamação da independência do Brasil, nas nossas côrtes de 1820 se ouviram palavras de áspera reprovação contra êsse acto, aliás tão de prever... Objectar-me hão, também, que o país se sentiu mal com essa perda de uma antiga colónia, que tão rica era, e cuja riqueza tanto convinha à economia nacional. E, ainda que, desde essa data até hoje — a-pesar-do justo sentimento que o Brasil tem da sua fôrça e do seu prestígio — rompem, aqui e além, mas sobretudo no Rio de Janeiro, vagos movimentos nativistas em que Portugal e os portugueses são um pouco rudemente mal-tratados — em palavras. Quem o nega? Tudo isto somado, porêm, não dá seis meses de má-vontade — e seis meses de má vontade, mais própriamente: seis meses *d'arrufos*, num período tão vasto, não podem pesar nas boas relações de dois povos, em que a mesma raça trabalha, sofre, e de hora a hora triunfa na sua luta pela existência...

Razão tenho eu, pois, em afirmar que pouco falta para que os dois países definitivamente se entendam

e definitivamente conjuguem os seus esforços para ter, na vida internacional, o lugar que lhes compete. Êsse pouco, no entanto, exige atenção, exige amor, exige simpatia consciente, exige estudo — especialmente da parte dos portugueses. Porque — se o povo sente pelo seu prodigioso instinto, as vantagens e as conveniências da aproximação luso-brasileira — as chamadas classes dirigentes, como, ai! de nós! na maioria dos grandes problemas nacionais, teem andado desgraçadamente, lamentavelmente, indignamente afastadas do instinto popular.

E quando falo em classes dirigentes refiro-me aos políticos, aos escritores, aos professores, aos artistas, aos jornalistas, aos homens do trabalho e da riqueza, aos homens de sciência, aos poetas... Aos escritores, aos professores, aos jornalistas e aos poetas sobretudo. Porque os políticos — são políticos: — reflectem, em geral, as aspirações da opinião pública; não a fazem. Os homens de sciencia, — vivem porque assim devem viver, enclausurados na sua sciência, no seu apostolado. Agora os outros, os que fazem, directa ou longinquamente, a opinião pública — os que actuam sôbre a consciência colectiva, os que, trabalhando no momento que passa, criam e moldam e afeiçoam a argamassa eterna das ideas e das emoções, êsses, na sua grande maioria, teem apenas visto o Brasil como um mercado de livros, ou como um assunto de artigos a escrever em certas datas solenes. Pois a êles

compete esclarecer o público, entusiasmar o público, instruí-lo, orientá-lo — persistentemente — e assim o tem feito Guedes de Oliveira, que vejo entre a assistência e que daqui saudo pela sua nobre atitude, assim o tem feito no Brasil Carlos Malheiro Dias, com o direito que o seu talento lhe dá de falar em nome da Patria, — mostrando-lhe que a aproximação entre Portugal e Brasil não é um ponto de vista sem importancia, não é uma utopia irrealizável, não é um estéril motivo para a oratória oficial, mas deve ser uma das maiores preocupações da nossa política internacional, e da nossa politica económica.

*
* *

Senão — vejamos.

O Brasil é neste momento objecto da mais intensa *côrte* por parte dos países aliados — e a essa côrte se referia o estadista português, cuja frase há pouco citei, dizendo que êle era requestado como uma mulher bonita. Vasto campo de exploração agrícola, de exploração industrial e comercial, insuficientemente povoado, prodigiosamente rico de tôda a sorte de matérias primas, a terra trasatlântica a todos aparece como uma terra de promissão, que realmente é... As correntes imigratórias de vários países escoam-se para ella, sob o olhar desvanecido dos governos. Tôdas aquelas iniciativas que, por grandes demais, abafaríam sob o céu da velha Europa — ali poderão respirar à vontade, e de-

senvolver-se, e frutificar, vitoriosamente. Já assim era antes da guerra: — mais será depois de assinado o tratado de paz. Aquele sonho germânico, que o célebre Tannenberg fixava, em 1911, num mapa que todos conhecem, para ser realizado em 1950 — ninguêm o quer realizar, sem dúvida. E peço licença para dizer o que era êsse sonho. Consistia êle em tornar território alemão o Rio Grande do Sul, a República Argentina, O Paraguay, o Uruguay, e o Chile, consentindo os alemães — isto é textual — *em abandonar aos ingleses o Brasil* (o resto do Brasil!), o Peru e a Bolívia... Outro alemão, o Sr. Franke, chamava ao Brasil, e aos outros países da América do Sul, *Repúblicas mendigas!* Outro alemão, ainda, o Sr. Lange — explica como a emigração deve ser dirigida para o Brasil, para *conquistar* êsse país. Com a lei de 1913, que permitia a um alemão naturalizar-se em outro país, sem perder a sua nacionalidade de origem — essa conquista tornava-se singularmente fácil... O sonho passava a ser uma dura realidade — e, quási o chegou a ser, se vozes autorizadas, como a do grande Sílvio Romero, não protestassem contra o açambarcamento das Municipalidades e das Escolas, que os teutões chegaram a fazer no Rio Grande do Sul, no Paraná e em S.ta Catarina. Sílvio Romero, competência única, explica a razão do relativo fracasso que êles sofreram dizendo que o ensaio não se tornou completa realidade «*por causa das perturbações que isto acarretaria diante da*

previdente doutrina de Monroe, freio único que contêm o Império, conforme os próprios alemães confessam.»

Ora — longe de mim a idea de supor que qualquer das grandes nações aliadas, que tão nobremente se bateram pela liberdade do mundo, longe de mim a idea de supor que qualquer delas pensa, sequer vagamente, em efectivar algum sonho parecido com o sonho germânico do Sr. Tannenberg! Mas não é exagerado afirmar que tôdas pensam — e é legítimo, natural e lógico que o pensem — em adquirir mercados, em achar saída para a sua corrente emigratória, e para a sua necessidade de expansão industrial, comercial, e intelectual. Assinada hoje a paz, logo amanhã recomecerá a actividade em tôdas essas nações, que, ricas de energias e de iniciativas, procurarão novos horizontes para a sua ansiedade de enriquecer, novas regiões para o alargamento da sua vida económica. Está o Brasil, como nenhum outro país, em condições excepcionais para realizar essas ambições justíssimas: — e a situação admirável que êle goza na Conferência da Paz é devida, não só ao seu acto de puro e nobre e alevantado idealismo, colocando-se incondicionalmente ao lado dos aliados, mas também ao quantum de possibilidades e de hospitalidade generosa que os seus habitantes e o seu solo oferecem ao espírito de esfôrço e de audácia a todos os que queiram trabalhar. Esta verdade, honrosíssima para o grande país, nosso irmão pelo sangue e pela alma, parece não

ter penetrado bem, ainda, no cérebro de certos homens portugueses. E, no entanto, é fundamental...

Simplesmente—se a esquecermos quebraremos, além de todos os laços de ordem intelectual e de sensibilidade que ao Brasil nos prendem, os outros laços, de carácter prático, e igualmente importantes, que pouco a pouco fomos deixando afrouxar, com criminosa apatia.

Perderemos, repare-se:

1.° — Os cinco ou seis mil contos que todos os anos nos veem do Brasil, enviados pelos nossos emigrantes, e sem os quais muitas escolas, muitos asilos, muitas instituições de utilidade máxima se não teriam fundado em Portugal.

2.° — Uma grande parte da nossa vida comercial e industrial.

3.° — Mais de metade, seguramente, do nosso mercado literário e artístico.

4.° — A certeza dum acolhimento favorável à nossa, tradicional febre de aventura e de ambição.

5.° — A garantia de que a literatura, e a arte, e o pensamento de Portugal encontram a possibilidade de uma expansão que só um dia poderão encontrar na nossa colónia de Angola (¡em Lourenço Marques não uma única livraria portuguesa, posso afirmá-lo!) — e sem a qual elas sofrerão, com incalculáveis prejuízos materiais, êsse prejuízo, maior ainda, de não poderem alargar a sua influência até aquela expansão que se

chama *a gloria,* ou que é, pelo menos, *o sucesso,* só existente quando resultam do triunfo em milhões d'almas.

E basta, como desenho geral do que se perderia...

Agora — protestará o scepticismo e a preguiça. E dirão: — mas se o Brasil continua no mesmo sítio, e se nós continuamos a deixar partir emigrantes para o Brasil, tudo ficará na mesma. Não há motivos para sustos.

Sim. O Brasil ficará no mesmo sítio, e progredindo, e enriquecendo, e impondo-se à consideração dos outros povos. Nós também continuaremos a manter para lá a nossa corrente emigratória — esta corrente emigratória que vai embarcando no porão dos navios sem protecção dos governos, sem amparo moral, sem instrução, sem aprendizagem técnica. E a nossa língua continuará a ser falada no Brasil. E os cinco mil contos continuarão a chegar a esta boa terra portuguesa. E o nosso mercado literário manter-se á. E, panglosicamente, tudo continuará pelo melhor no melhor dos mundos...

Mas no dia em que a emigração portuguesa fôr vencida em número (e já o foi pela emigração italiana durante dois anos, e essa emigração nada faz prever que não aumente depois da paz) e *em qualidade;* no dia em que o comércio português no Brasil fôr vencido pelo comércio dos outros países, da Inglaterra, dos Estados-Unidos, da França, da Itália; no dia em que os

escritores portugueses, que os escritores brasileiros igualam em talento e cultura, não tiverem um cantinho num jornal para falar (isto num país onde a imprensa tem um alto valor e uma avassaladora influência); ¿eu pregunto o que sucederá a Portugal em face do Brasil? Passa à categoria de tradição, de fóssil venerável, de espectro D. João VI, a quem o Brasil agradece ainda os serviços, incontestáveis, que lhe prestou; e nós teremos que nos contentar com a trasladação dos ossos de Pedro Álvares Cabral para nos aproximarmos um pouco do Brasil... Numa época de realizações, numa hora em que todo o mundo latino desperta para novas conquistas e novos triunfos — hão de concordar que é pouco.

Isto é uma das faces da questão. A mais pessimista. Mas verdadeira, ainda que levemente exagerada.

Estou daqui a adivinhar certos protestos. Talvez haja quem pense em me apelidar pouco patriota. Mas o patriotismo, para mim, consistiu sempre em dizer a verdade — e em praticar os actos que mais convenientes me pareciam a bem da Pátria. Mentir, ao tratar de uma questão como esta, seria uma má acção...

De resto — as cousas não se passarão talvez como eu, propositadamente, para mostrar a gravidade do problema, indiquei. E não se passarão assim por três razões: — porque o interêsse pelo Brasil começa a preocupar muita gente em Portugal, e da melhor gente que nós temos; porque os nossos políticos compreendem já

que é necessário um estreitamento de relações com o Brasil e seja disso exemplo claro a criação da cadeira de Estudos Brasileiros, em Lisboa e as negociações iniciadas para um tratado de comércio pelo Dr. Augusto Soares, grande pelo talento e pela cultura e que tanto ama o Brasil; e, finalmente, porque ao Brasil não convêm que esse estreitamento de relações se não realize, nem que a nossa corrente emigratória diminua, quanto mais cesse; nem lhe convêm perder a tradição portuguesa, que é ainda, e será sempre a sua própria tradição.

Eu me explico — em primeiro lugar quanto aos emigrantes.

Na imensa aluvião de emigrantes que demanda o Brasil ou que lá estão estabelecidos — ingleses, franceses, italianos, russos, alemães, slavos, etc. — o emigrante português constitui um elemento nacionalizador. Fala a mesma língua, tem os mesmos costumes, uma adaptação quási imediata ao meio, uma sensibilidade idêntica; basta ler os poetas dos dois povos para poder afirmar, sem reeeio de desmentido, essa identidade entre brasileiros e portugueses. Onde o alemão quer mandar despóticamente, onde o inglês conserva os hábitos da sua terra, onde o italiano muitas vezes só pensa em ganhar algum dinheiro e regressar à metropole — o português cria amor, cria família, cria apêgo, e, na sua grande maioria, não volta à Pátria. E' isto uma inferioridade? Uma superioridade? Deixo essa discussão aos

competentes. No caso presente, é uma vantagem. Tornando-se tão brasileiro como os brasileiros, encorporando-se na vida brazileira, os brazileiros não se sentem afrontados por êle. E, porque o território é vastíssimo e a população relativamente pequena, e o embate de raças diversas e fortes possa trazer comsigo o perigo da desnacionalização — um elemento que assim se incorpora aos próprios habitantes do solo para onde emigra, é fatalmente estimado e desejado.

Depois — o português ama o trabalho dos campos: — e há campos e campos e campos para cultivar no Brasil. Nesse ponto de vista, só o italiano o pode bater. Mas não o suplantará em todos os outros aspectos — e tanto basta para que nunca o possa substituir completamente.

Quanto à tradição, que é um dos elementos de importância máxima, que explicam e justificam a interdependência social dos dois países, lembro apenas que o livro de educação cívica actualmente adoptado nas Escolas Públicas do Distrito Federal, e em muitos outros Estados do Brasil, constitui uma verdadeira glorificação da raça portuguesa, ensinando ao aluno, a cada página, o respeito e o amor pelas próprias tradições lusitanas. Deve-se êsse volume a um dos mais cotados e ilustres escritores brasileiros, o Dr. Afrânio Peixoto, Director da Escola Normal do Rio de Janeiro, conferencista notável e deputado. O Dr. Afrânio Peixoto reconhece, como aliás todos os grandes espíritos

da sua terra, neste livrinho destinado a contribuir para a formação moral do cidadão brasileiro, e, portanto, de tão grande influência na preparação das novas gerações, — reconhece e nêle documenta que o passado heróico da nacionalidade portuguesa é património comum das duas Pátrias. E esta é, sem dúvida alguma, uma indestrutível fôrça de coesão entre Brasil e Portugal; força de coesão que, durante muito tempo, pareceu pouco valiosa a certos observadores superficiais, mas cujo valor nem mesmo já pode ser discutido depois da guerra, porque o supremo alcance moral da guerra foi, precisamente, pôr em relêvo a importância dos factores de ordem etnica e psicológica na vida das sociedades civilizadas.

Temos também de considerar, como último, mas não menos importante elemento da aproximação luso-brasileira, o culto que a língua portuguesa, no Brasil conservando a mesma sintaxe e a mesma pureza do que em Portugal, merece aos brasileiros, aos educadores, sobretudo. Êsse culto é, realmente, digno de observação e de nota — porque não é sómente privativo dos escritores e oradores: — é uma das bases do ensino e da educação. Quem, como eu, pôde verificar no Estado de S. Paulo — que os próprios brasileiros chamam o Estado orientador da consciência nacional — os extremos a que é levado o ensino da língua pátria, compreende a importância excepcional dêsse ensino para garantia perpétua das boas relações luso-

-brasileiras. Não se trata só da aprendizagem corrente e gramatical da língua falada; mas, também, do conhecimento, não erudito, é claro, mas meticuloso, da linguagem vernácula, estudada nos clássicos. Não ha professor que não leve consigo, e não transmita aos seus alunos êsse respeito pelo idioma lusitano, esse amor pela língua em que se expressavam os descobridores do Brasil, e que hoje, assim honrada por todos os brasileiros, não deixa afrouxar, antes estreita cada vez mais, o afecto e o mútuo entendimento que liga os dois povos fraternos. Porque, ninguêm o desconhece, o uso e o culto duma mesma língua são um poderosíssimo instrumento de irmanização de cultura e de sensibilidade.

O que seja o valor dêsse afecto e dêsse entendimento espontâneos, viu-se bem quando da entrada de Portugal na guerra. A atitude de Portugal, honrando o seu passado e os compromissos da secular aliança com a Inglaterra, influiu grandemente no Brasil, e suponho não exagerar dizendo que ela muito contribuiu para criar, nêsse país, uma atmosfera eminentemente propícia ao rompimento de relações com a Alemanha.

Eis como o Brasil apreciava, de resto, a nossa entrada na guerra — pela voz eloqùente do seu maior jornalista vivo, Paulo Barreto (João do Rio). São palavras de fé entusiástica, as que vou transcrever, palavras de crença nos destinos da nossa raça, e que, melhor do

que nenhumas outras, dão a medida exacta do sentimento brasileiro nessa questão que foi,— e hora a hora disso nos estamos convencendo, aqui — a questão essencial para o futuro da nossa nacionalidade n'este perturbado início do século XX.

Eis as palavras de João do Rio, palavras da sua conferência realizada no Rio de Janeiro quando da nossa entrada na guerra, e que está publicada no «*Sésamo*», com a epígrafe — «*Para os dois povos da mesma raça, no momento dramático da guerra*»:

«¡A nossa terra imensa e rica! Várias raças nela «se debatendo para a criação de um progresso — pro«gresso da personalização dêssas raças. Luta feroz «em que afundamos... Pode haver criaturas nasci«das no Brasil com a fantasia de, sendo brasileiros, «ser por essa ou aquela pátria «leader». Inócua futi«lidade de espíritos vazios. E não encontrei ainda «nenhum que pensasse, que amasse, que fôsse homem, «sem a felicidade de dizer:

«— Mas há uma raça, que é a nossa: a portuguesa. «Mas há um passado que nos liga às lendas gregas e «aos périplos fenícios: o português. Mas há uma vida «que é comum aos dois povos, ramos do mesmo «tronco: Portugal!

«Um grande homem brasileiro, Euclides da Cunha, «tinha aliás êsse sentimento, quando certa vez dizia:

«— ¡Precisamos pensar, escrever, fazer propaganda! «Cada vez há mais estrangeiros na nossa terra. Assim

«desaparece a raça; assim desaparece a língua. Só há «uma salvação: ¡mandar vir mais gente de Portugal!

«¿Êsse orgulho da raça e da língua, quem o não tem, «quem o não deseja conservar? Os povos são redo«bradamente fortes quando já tenham organizado a «história de um pedaço da terra, criando uma língua «nova. Portugal foi feito da ternura dos heróis, da pu«reza de alguns santos, e para pôr em ordem a lingua «dêsses homens, eternizando os seus feitos, brotou «nêssa terra um poeta entre os maiores maior. O Bra«sil surgiu de Portugal no seu momento de ouro, como «mais um continente que Deus dava à raça para eter«nizar-se. Nós somos como ramos do mesmo tronco. «E devemo-nos mútuamente o mesmo amor igual.

«Daí êsse secreto elo, que insensivelmente nos «prende, brasileiros e portugueses. Daí a certeza que «mútuamente mantemos da nossa lialdade. Daí êsses «ensinamentos com que, indirectamente, nos fenó«menos sociais e políticos nos influenciamos.»

E, mais adiante, esta profissão de fé:

«A entrada de Portugal na luta não podia deixar de acendrar mais o nosso amor à causa da defesa universal. Hoje uma parte do Brasil está na luta.

«— Nós somos e devemos ser por Portugal, pelo seu patriotismo.

«— Nós somos e devemos ser por Portugal como «uma recíproca, porque connosco esteve sempre êsse «povo.

«— Nós somos e devemos ser por Portugal, porque so-
«mos no Novo Continente o herdeiro da sua língua e do
«seu passado, o mais glorioso passado dos povos da terra.

«— Nós somos e devemos ser por Portugal, porque
«o mesmo sangue nos bate nas artérias e as mesmas
«qualidades nos estimulam à vida.

«— Nós somos e devemos ser por Portugal, porque
«pertencemos ao mesmo tronco, porque não se esco-
«lhe a raça, porque a sua raça é a nossa raça — que
«nos ilustra e devemos continuar a dignificar.»

Ou terminando, magnificamente:

«Por tantos motivos somos irmãos, que no silêncio
«de cada um dos nossos corações, arde perpétuo o
«voto de que êste instante de transfusão se eternize,
«seja qual fôr a terra de amanhã.

«Alma do Brasil, Alma de Portugal, sêde na vida
«eternamente os ramos fraternos nascidos do mesmo
«tronco imperecível. ¡Sêde a Fôrça, sêde o Esplendor,
«sêde a Coragem! ¡Mas conservai êsse mútuo amor,
«nascido da mesma Raça, Raça de glória tão forte
«agora como outrora, Raça Portuguesa!»

Que dizer depois disto? Que só uma indesculpavel
falta de carinho e de habilidade, da nossa parte, nos
pode fazer perder o afecto do Brasil...

*

* *

Há mais, porêm. O Brasil quer um porto-franco na

Europa, um entreposto donde os seus produtos se es-
palhem por todos os mercados europeus. ¿Que país,
melhor do que Portugal, lhe pode oferecer comodida-
des, facilidades, nesse sentido? Nenhum outro, por mo-
tivos que são bem patentes. De resto — porque hei-de
escondê-lo? — creio não exagerar dizendo que nada seria
mais agradável ao Brasil do que a criação dum, dois
portos-francos para os produtos brasíleiros (podia ser
um no Pôrto, outro em Lisboa). E nós — que perdía-
mos? Ganhávamos sómente a vantagem dum comércio
maior, de uma fusão maior de interesses — com um país
que há de amanhã ser um dos árbitros do destino do
Atlântico...

Tudo, de resto, faz supor que Portugal queira entrar
nessas realizações práticas. Do nosso amor pelo Bra-
sil — já o Brasil não duvida, desde que a legação por-
tuguesa no Rio foi elevada a Embaixada. Os nossos
representantes lá — como o Dr. Bernardino Machado,
como o Dr. Duarte Leite — acabaram com a antiga di-
plomacia de notas teóricas, para se ocuparem dos
problemas que interessam ao país e à República. A
colònia deixou-se de lutas estéreis — para apoiar os
seus representantes oficiais. Eu vi, em 1912, a obra
que o Dr. Bernardino Machado estava então reali-
zando. Foi, na verdade, extraordinária, e em grande
parte devida a essa cordialidade de que nós aqui sor-
ríamos, mas que é uma grande fôrça de coesão. E sei
como a entrada de Portugal na guerra confundiu, ir-

manou todos os portugueses da colónia na mesma ardente vibração de entusiasmo e de fé, dando-lhes assim uma consciência mais perfeita dos seus deveres de cidadãos e de patriotas. Não desespero, pois. Mas insisto...

Insisto — em vários alvitres que tenho proposto ou que tenho aplaudido. Insisto em que é preciso, antes de tudo, despertar o amor pela vida mental brasileira, pela arte brasileira, pela civilização magnifica, que me foi dado admirar nessa cidade, bela entre as mais belas, que é o Rio de Janeiro. Num artigo recente, e notabilíssimo, dizia o meu amigo Dr. Nuno Simões:

«...No Brasil necessário é cuidar a sério de uma política emigratória que já devia estar feita, pelo estabelecimento de condições bilaterais para os dois países e pelo «contrôle» da emigração através das organizações portuguesas no Brasil. Êsses organismos poderiam e deveriam ser ainda preciosos auxiliares, para a difusão da literatura portuguesa pelos milhões de almas que constituem a pátria brasileira, não esquecendo que as suas bibliotecas, por iniciativa própria e por acção do nosso Govêrno, deviam conter tôda a obra literária reputada de mérito pelas *élites* intelectuais dos dois povos. Por intermédio delas e nas suas sedes podiam aparecer freqùentemente os dirigentes da vida mental portuguesa, em contacto, ao mesmo tempo, com a colonia e com o público brasileiro. Jornais e publicações

portuguesas deviam ser distribuídas através os organismos portugueses no Brasil. Capitais portugueses podiam sustentar órgãos importantes na imprensa, e tendo nêles elementos primaciais de agregação, igualmente a colónia vinha a possuir agentes de difusão literária.».

Mas emquanto isto se não faz, ¿porque não hão-de os editores portugueses ajudar um pouco — e ter à venda livros de escritores brasileiros, difíceis de encontrar nas nossas livrarias — tão difíceis que nem as poesias de Bilac se encontravam em Lisboa quando da sua passagem ali, aliás anunciada largamente em 1916? ¿Porque não hão-de os directores dos jornais portugueses pedir — e pagar — colaboração brasileira? ¿Porque não há-de o govêrno português estabelecer com o govêrno brasileiro a reciprocidade no envio de missões de escritores, de artistas, de industriais, de comerciantes, de professores — e até de alunos? ¿Porque não se há-de estabelecer, para os estudantes brasileiros e portugueses, a equiparação dos respectivos cursos nos dois países? ¿Porque não se juntarão meia dúzia de capitalistas e não iniciarão, com o auxílio do Estado, uma carreira de navegação para o Brasil? ¿Porque não nos juntaremos todos — todos os que trabalhamos, todos os que amamos a nossa terra, todos os que amamos o Brasil, e sabemos que êle é um prolongamento da nossa Pátria e que a nossa união com êle só nos trará vantagens — e não lançamos os pri-

meiros alicerces do «*Palácio da Raça*», de que nos falla Nuno Simões no artigo já citado, erguendo com êle, levantando nêle o vivo padrão da nossa fé e da nossa orgulhosa confiança nos destinos da Raça imperecível, que é a Raça portuguesa, melhor direi:—que é a Raça luso-brasileira?

* * *

A hora é única—para o fazer. Esta ilustre associação—que há tempos quis realizar os Jogos Florais Luso-Brasileiros, da iniciativa do Snr. Cervaens y Rodrigues e com apoio de individualidades como Júlio Brandão—deve compreendê-lo bem. Depois da paz assinada—já o fiz notar—começará e já começou mesmo, a grande concorrência de emigração e de trabalho para o Brasil. Todos quererão lutar naquele solo prodigioso, onde o oiro fulvo do Sol parece espalhar opulência e beleza, onde as seivas sobem com um impulso criador que se transmite ao homem; onde o homem respira um ambiente de audácia vertiginosa, e sente, e sabe, ou adivinha, que o esfôrço, ali, é sempre fecundo, a energia sempre triunfante, a persistência sempre coroada de êxito. Se deixamos passar êste momento excepcional—tarde, e péssimamente, se poderá estabelecer em bases legais, (em tratados de comércio, em convenções, em reciprocidade de disposições legislativas) a aproximação luso-brasileira. Outros

povos virão, mais fortes, melhor apetrechados, mais audazes, talvez—que nos suplantarão, suplantando assim a fôrça das tradições, do sentimento, dos interesses que, por lógica do Passado e por naturais aspirações do Futuro, absolutamente nos pertencem em primeiro lugar.

Aproveitemos o incontestável carinho do Brasil. Êle nos será proveitoso. Um dia—quem sabe?—basearemos a nossa política internacional, não só na nossa antiga aliança com a Inglaterra, mas também numa aliança com o Brasil. ¿E com a França, porque não? Simples quimera? Talvez... Mas quimera grandiosa, se me permitem o têrmo. Dum lado e de outro do Atlântico— ¡dois povos irmãos ligados pelo Oceano, sob a égide sagrada e eterna do espírito latino! ¿Que maior sonho se pode sonhar—para bem, e honra, e glória da nossa raça? ¿Que futuro maior—para a sua aspiração de vida? ¿Que mais belo ideal—para as gerações novas, que, nesta época de agitação e de luta, precisam de uma fé que as norteie e de uma grande ambição que as eleve e as conduza?

Não me acusem de falar poeticamente—depois de ter tido palavras tão áridas e exposto e defendido ideas tão práticas. No fundo, eu penso que realizar a aproximação luso-brasileira sob todos os seus aspectos—literários ou económicos, artísticos ou comerciais—é garantir a continuidade da obra heróica e cívica da raça, desbravando mundos, cantando epopeias, fun-

dando cidades, abrindo portos, e espalhando, pela vasta superfície da terra, em rudes gritos de combate, ou em melodias de saudade e de amor, a maravilhosa língua portuguesa. Língua para sempre imortal numa estrofe de Camões, numa quadra de João de Deus, num alexandrino de Junqueiro — ou num soneto de Olavo Bilac, todos êles irmãos pela alma lusitana que anima, e exalta e ennobrece o divino explendor dos seus génios incomparáveis...

Março de 1919.

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73 — Rua Garrett — 75

LISBOA

Obras de JOÃO DE BARROS

Educação Republicana — 1 vol. broch. $75

A Republica e a Escola — 1 vol. broch. $75

A educação moral na Escola Primaria — 1 vol. broch. $25

Anciedade (poesias) — 1 vol. broch. $75

Oração á Patria (poesias) — 1 vol. broch. $75

Ode á Belgica (poesias) — 1 vol. broch. $30

Vida Victoriosa (poemas escolhidos) — 1 vol. broch. $70